

Cansaço e medo até Ciudad del Leste

Cristina Ávila

Da equipe do **Correio**

O sacoleiro é um candidato natural ao ataque de nervos. Vive sonhando em arrumar a vida, mas enfrenta pelas estradas o pavor constante. Pegar um ônibus em Brasília para Ciudad del Leste, no Paraguai, é como participar de uma roleta russa. Eles sabem que os assaltos acontecem todas as semanas nas rodovias. Ser o próximo a passar pela experiência é uma questão de sorte. Ou azar. Outro medo é de ser abordado pelo fiscal da Receita Federal.

Até chegar à fronteira, são quase 24 horas sacolejando nos ônibus. Os mais baratos são os chamados bate-e-volta, levam e trazem os sacoleiros, sem pernoite, para evitar as diárias nos hotéis. Tudo isso para chegar ao labirinto dos importados, falsificações, produtos de primeira à última categoria.

Ciudad del Este é um emaranhado de barracas plásticas, prédios com aspecto de uma Hong Kong abandonada, caras e línguas de to-

dos os continentes. As cédulas de real, peso, dólar e guarani integram-se nas maquininhas de calcular, em todas as mãos. As ruas são malcheirosas, cheias de lixo. Assaltantes, trabalhadores e turistas cruzam com misteriosos sacolões a Ponte da Amizade, que liga o Brasil ao país vizinho, em Foz do Iguaçu, Paraná.

REVÓLVER NA CABEÇA

Francisca Lúcia da Silva, 31 anos, é feirante em Brasília. Há dois anos ela começou a viajar todos os meses para buscar objetos inoxidáveis e vidros para vender na Feira do Paraguai. Já experimentou de tudo um pouco — do choro compulsivo tentando sensibilizar o fiscal da Receita ao terror de ter um revólver apontado para sua cabeça.

O assalto aconteceu em outubro do ano passado, em Penápolis, cidade paulista. Eram quase 23h, quando o ônibus em que Francisca viajava foi parado por cinco homens. Eles já chegaram atirando. Mandaram que as cortinas fossem fechadas e que o motorista prosse-

guisse a viagem. Os bandidos bateram nas pessoas e as ameaçavam de morte.

“Os assaltos sempre acontecem na ida”, diz Francisca Lúcia. “Eles querem dinheiro, não mercadorias.” Os sacoleiros não levam quase nada na viagem. Apenas o essencial. Se forem dormir em Foz do Iguaçu, a escova de dentes, pijama e uma troca de roupa é o suficiente.

Muitas vezes levam dólares. É melhor do que se submeter aos valores pagos pelos cambistas, que ficam pelas esquinas oferecendo moedas brasileiras, argentinas, norte-americanas e paraguaias. Mas os comerciantes de Ciudad del Leste apreciam bastante o Real.

ASSALTOS NA IDA

“Os assaltos sempre acontecem na ida”, diz Francisca Lúcia. “Eles querem dinheiro, não mercadorias.” Os sacoleiros não levam quase nada na viagem. Apenas o essencial. Se forem dormir em Foz do Iguaçu, a escova de dentes, pijama e uma troca de roupa é o suficiente.

Muitas vezes levam dólares. É

melhor do que se submeter aos valores pagos pelos cambistas, que ficam pelas esquinas oferecendo moedas brasileiras, argentinas, norte-americanas e paraguaias. Mas os comerciantes de Ciudad del Leste apreciam bastante o real.

Na estrada, outro problema são as barreiras da Receita Federal. Nos postos fixos ou em qualquer lugar da estrada entre o Paraguai e o ponto de partida. Uma das barreiras mais temidas pelos sacoleiros é Medianeira, a uns 100 quilômetros de Foz do Iguaçu.

Com os fiscais não têm acordo. O máximo permitido para compras são R\$ 150. Mas nenhum sacoleiro transporta só isso. A viagem não valeria a pena economicamente. “Já perdi mercadoria na ponte e em Medianeira. É muito triste ver seu dinheiro sendo levado depois de tanto trabalho”, conta. “Não adianta chorar, não adianta pedir, não adianta nada”. Francisca Lúcia disse que já sofreu e perdeu tanto que hoje prefere fazer compras em São Paulo. Os lucros são menores. Mas a distância e os riscos também.